

NOVA ESCOLA LITERARIA

Os "antropófagos" paulistas

Como o sr. Oswald de Andrade fala do novo credo

(Da Succursal d'O JORNAL em São Paulo)

S. PAULO — Está formada, ha algum tempo, uma nova corrente litteraria. E' a do Grupo Antropofagico. Apesar do nome aterrorizante, não grado todo o horror que possa o baptismo lembrar é este grupo o unico pareço litterario de vanguarda, que conssegue este milagre: trazer a paz, uma paz gostosa, nirvanica, ao bulhento meio de letras.

Conhecia O JORNAL, vagamente, alguns pormenores. Sabia, por exemplo, quasi os nomes que puxavam o clan para a sala publica. Necessitava, porém, de detalhes. E foi procurar um informante. Oswald de Andrade, o sadio autor das Memorias Sentimentales de João Miramar e do Primeiro Caderno de Poesia. E elle falou:

O QUE É A ANTROPOFAGIA

— Definir a Antropofagia (anthropophagia) não é coisa facil. Toda a definição é imprecisa. Nós nos utilizamos, actualmente, de um idioma gasto, decrépito, pobre de onomatopéa, idioma deturpado pelo vacio do tempo, acastado de uma intima e natural communhão cosmica entre os elementos expressivos e o significado real do que interpretam.

A expressao, assim, não é bem a photographia do nosso pensamento; é quando muito, a tinta da tela impressionista, em que tentamos re-produzir as nossas emoções.

Mas, experimentemos: A Antropofagia é o culto á esthetica instinctiva da Terra Nova. Outra: é a redução, a cacarôcos, dos idóolos impotados, para a ascenção dos totens raciaes. Mais outra: é a propria terra da America, o proprio limo fecundo, filtrando e se expressando através dos temperamentos vastalos de seus artistas». Estas, as definições que consigo construi, no momento. Definições de emergência, seccas como o Martini que tomamos, e que surpreendem apenas um flanco do assumpto.

Um sorriso que punha uma reticencia na phrase, uma emborcada no calice de Martini. Oswald de Andrade tinha vontade de parar.

PORQUE ANTROPOFAGIA

— Por que Antropofagia? perguntamos... Por que uma denominação assim recedente a sciencia velhusca, fossil?

— Porque? Porque nós somos, antes de tudo, antropofagos... Sim, porque nós da America — nós, o autóctone; o oborigene — rodeávamos o cerimonial antropofago de ritos religiosos. Comer um ser igual para o indio, não significava odial-o. Ao contrario: o bugre sempre comeu aquelle que lhe parecia superior. Aquelle, dono de qualquer dom sobrenatural, sobrehumano que o fazia appoximar-se dos pagés. De resto, isto é profundamente humano: o homem sabe o que deve comer. A não ser em circumstancias extremes de romances passadistas, nunca se soube do homem que deglutisse o que lhe desagradasse. O instincto repelle; não concorda.

— De sorte que...
— Que tinha o valor de uma homenagem ao morto. Prova? o ser comido baptisava o que o comia. O indio adoptava o nome daquelle que comera, por julgar-o superior, já intellectual, já moralmente.

O dia em que os aymorés comeram o bispo Sardinha, deve constituir, para nós, a grande data. Data americana, está claro. Nós não somos, nem queremos ser brasileiros, nesse sentido politico-internacional: brasileiros-portuguezes, aqui nascidos, e que, um dia, se insuriram contra seus propios paes. Não. Nós somos americanos; filhos do continente America; carne e intelligencia a serviço da alma da gleba. O fim que reservamos a Pero Vaz Sardinha tem uma dupla interpretação: era, a um tempo, a admiração nossa por elle (representante de um povo que se esforçara por derrubar aquelle presente utopico, que foi dado ao Homem ao nascer, e que se chama Felicidade) e a nossa vingança. Porque, que elles viessem aqui nos visitar, está bem, vá lá; mas que elles, hospedes, nos quizessem impingir seus deuses, seus habitos, sua lingua... isso não! Devoramol-o. Não tinhamos, de resto, nada mais a fazer.

A ANTROPOFAGIA DE CULTURA

— Passemos ao campo restrictamente litterario — propõe o nosso entrevistado. Nós propotamos, no bôjo dos cargueiros e dos negreiros de hontem, no porão dos transatlanticos de hoje, toda a sciencia e toda a arte errada, que a civilisação da Europa creou. Importamos toda a produção dos prelos incoherentes de Além-Atlantico. Vieram, para nos desviar, os Anchietaes escolasticos, de sotaína e latinorio; os livros indigens e falsos.

Que fizemos nós? Que devíamos ter feito? Comel-os todos. Sim, enquanto esses missionarios falavam, pregando-nos uma crença civilizada, de humanidade cansada e triste, — nós devíamos tel-os comido e continuar alegres. Devíamos assimililar todas as nati-mortas tendencias, estheticas da Europa, assimilil-las, elaboral-as em nosso sub-consciente, e produzirmos coisa nova, coisa nossa. Tal não fez o americano de hontem, entretanto. E errou. A multidão americana — pequena, é verdade — que passela hoje em meio á multidão heterogenea da America, sente, agora, o erro. Sente-o, mas não o compreendendo. Só o europeu, que fia na uma ou duas gerações aqui, não o sentirá.

Mas nós, os artistas — sismographos sensibilissimos dos desvios psychicos da massa — nós de vanguarda, hyper-esthetics, o compreendemos. E procuramos acertar. Acertamos, como? Fleis nos moldes da veneranda logica, repellindo o erro, para depois, depois descobrirmos algo do nuevo, que se appoxima da verdade.

A SENHA

— Até ha pouco — prosegue Oswald de Andrade — recebíamos nós a senha do "dernier cri". Cançou-se o fazedor de civilisações. Exgotou-se.

Tudo o que nos póde mandar agora, não passará de repetição do já mandado.

E' a nossa vez. Nós somos, agora, o piloto do barão. Cumpre-se o mastigadissimo refrão do Latio: Hodie mihi; cras tibi.

A Europa falliu, meu amigo, definitivamente. Falliu. Ha muito vinha agonizando. Desde a Revolução Françeza de 78, desde a conquista dos direitos do homem. Influencia poesia. Da America, que acenava, ao longe, com o seu grande sol in genuo de liberdade, de felicidade, o que quer dizer: de naturalidade. Nós queremos voltar ao estudo natu-

ral, ouça bem, natural, não primitivo da Historia.

Ao chorrilho de temos, que recebíamos mensalmente, vamos oppór este ultimo e unico: Poderíamos dar-lhe tambem um suffixo em lano: naturalismo, primitivismo, eternoismo, troglodytismo, etc. Preferimos, entretanto, o nome scientifico puro, sem borloques belletristas. Antropofagia está bom. Está muito bom.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

— O movimento é homogéneo? Já existe alguma pleiade organizada que o abraça?

— Já. Antonio de Alcântara Machado, Raul Bopp, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida e outros muitos, para só falarmos do terreno puramente litterario, circumscripito a S. Paulo estão no front do movimento. Do outros Estados, temos já recebido adhesões. São artistas de todas as artes que nos enviam o seu voto de solidariedade, o seu nome para o alistamento.

O movimento é serio — prosegue o autor de Os Condemnados e da Estrela de Absynthio. Não ha blague no que eu affirmo; não ha, em absoluto, a volupia litteraria de fazer paradoxos, de tomar attitudes ficticias de blasé. Vamos trabalhar. O mundo precisa de nós. Espera, aneloso, pela nossa senha. Para onde se voltam, na verdade, os espiritos-araustos do velho mundo? As sentinellas avancadas dos exercitos litterarios? Que fazem Soffici, na Italia, Spengler, Keyserling e tantos outros? A massa mesmo não tem vontade de voltar? Porque falliram as artes trabalhadas, corebrelladas, que a humanidade inventou? Como explicar a alegria mórbida com que a Europa acoiho e applaude o africanissimo Lodum da Josephina Backer? A volta, meu amigo... a ancia do se redescobrir...

Esta semana apparecerá o nosso jornal. A revista de Antropofagia. E' ella o forte de Coimbra da nossa guerra santa. A fortaleza de que despejaremos os nossos obuzes-manifestos. São commandantes da praça Raul Bopp e Alcântara Machado. Dois valentes, invenciveis guerreiros.

RESUMO

Esta é a ultima corrente litteraria, ou melhor: do arte, que, entre nós, se concretisa, e cuja plataforma vai buscar motivos de Belleza no muncipal atávico da raça. Está, portanto, dentro della, todos aquelles que trabalham o barro ethnico que nos plasmou. Palm está dentro do programma. Villa Lobos, Lourenço Fernandes e outros, pódem estar. Pintores, como Tarcila do Amaral, tambem. E' a nova corrente o complemento logico, maduro, das tendencias de nossos artistas, reveladas — com muito erro, não ha duvidas — desde Gregorio de Mattos. Surge a Antropofagia como um effeito immediato do Verdun-rellismo e da Auta. Mais tarda que elias, é, talvez, mais acertada.

Terá vida mais duradoura? Virá, mesmo, de encontro a um desejo da massa?

Um operario victima de um automovel

Na Avenida Gomes Freire, esquina da praça dos Governadores, hontem, á noite, um automovel atropelou o operario Emygilio Peixoto, de 19 annos de idade, brasileiro e residente á rua do Cateite n. 91, o qual soffreu um ferimento na cabeça e contusões no joelho direito.

Removido para o Posto Central de Assistencia, ahí o soccorreram convenientemente, retirando-se, depois, Emygilio para a sua residencia.

Imprensado entre dois bondes

No Posto Central de Assistencia, foi receber soccorros, hontem, á noite, o empregado da Light Manoel Lopes Catharino, de 19 annos de idade, portuguez e morador á rua Marquez de Abrantes n. 82, o qual, na praça do Flapengo, ficou imprensado entre dois bondes, accidente de que lhe resultou soffrer fractura do ante-braço esquerdo. Depois dos soccorros convenientes, retirou-se Lopes para a sua residencia.

A FESTA DAS AVES

Promovida pelo Instituto Lafayete, com o fim de instruir as crianças do seu curso primario, acaba essa festa de caridade de ser mais uma vez levada a effeito por este estabelecimento de ensino.

O programma, que foi organizado constou de uma parte de recitativo pelas crianças do Instituto, tendo por ultimo, a escriptora sra. Rachel Prado, lido a mensagem das crianças do Paiz de Galles em prol da paz universal, explicando a significação do "Dia da Boa Vontade" (Good Will Day), que hoje se commemora.

Evadiu-se do Manicó-mio Judiciario

O foragido estava cumprindo a pena de 30 annos de prisão

Na Casa de Correção, ha 10 annos já vinha cumprindo sentença por crime de homicidio, o réo João Dedosho, individuo que sempre teve um procedimento irregular, atabalhador, fazendo-se temer até pelos proprios compañeros de presidio, que lhe respeitavam o genio rixento e máo.

Condemnado a 30 annos de prisão, varias vezes recolhido á solitaria, mais com a idéa fixa de pôr-se em fuga, para o que estabelecera um plano que lhe pareceu seguro, ha tres dias, Dedosho simuloou forte accesso de loucura, entrando a commetter desatinos.

Uma vez dominado pelos guardas, o recluso foi examinado, então, pelo sr. Helton Carrilho, director do Manicó-mio Judiciario, ficando depois, em observação, neste estabelecimento, até que, na madrugada de ante-hontem lhe appareceu a oportunidade que elle ambicionava. Burlando a vigilancia dos guardas, Dedosho fugiu pelos fundos do estabelecimento, ali-ançando o morro de S. Carlos.

Quando pela manhã deram pela falta daquelle correccel na], o manicónio ficou em verdadeiro reboliço, sendo o facto levado ao conhecimento do dr. João Pequeno de Azevedo, director da Casa de Correção, que se communicou com as autoridades da 4ª delegacia auxiliar, que desde hontem destacaram diversas turmas de investigadores, para a captura do sentenciado foragido.

O uso do cliêque auxilia o progresso do Brasil